

COMO ANDA O DEBATE SOBRE METODOLOGIAS QUANTITATIVAS E QUALITATIVAS NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Menga Lüdke

Da Universidade Federal Fluminense
e da Pontifícia Universidade Católica/RJ

Este trabalho foi originalmente apresentado no Seminário Regional da ANPEC, em um painel sobre o tema "Tendências e Potencialidades da Pesquisa em Educação no Brasil", FEUSP, abril de 1987.

O tema proposto para debate é daqueles que despertam imediatamente sintonia, especialmente em alguém que leciona Metodologia da Pesquisa em Educação, em programas de pós-graduação, estando portanto constantemente envolvida na discussão de questões básicas desse tipo de pesquisa, seja pelo ensino da disciplina, seja pela orientação de teses e dissertações. Certamente minha participação no debate estará bastante marcada por essa situação pessoal e pela experiência dela decorrente.

É a partir, portanto, dessa perspectiva que se desenvolverá minha visão sobre o tema proposto, mas gostaria de tentar orientá-la para uma direção comparativa.

Vejo a pesquisa em educação em nosso país numa situação de pleno e intenso desenvolvimento, com uma ri-

queza de possibilidades de realização, como até há bem poucos anos não dispúnhamos. Costumo dizer a meus alunos que nos encontramos, justamente, num período muito profícuo, onde as possibilidades de escolhas são muitas, mas em consequência a responsabilidade por essas escolhas é também muito aumentada. Em outubro de 1986 reuniu-se, na UFF, um grupo formado por professores de metodologia da pesquisa, dos programas de pós-graduação em Educação de todo o país. Entre outras coisas interessantes, ouvi o seguinte comentário de um dos participantes: "Como era fácil ser aluno e ser professor de Metodologia de Pesquisa no meu tempo de estudante. O caminho era simples e determinado por regras inquestionadas. Hoje, ao contrário, são muitos os caminhos possíveis, mas todos são questionados".

Embora não tenha procedido a um levantamento sistemático das pesquisas realizadas ultimamente na área da Educação, penso poder afirmar, pela leitura dos periódicos correntes e pela observação dos programas nos quais trabalho, assim como de outros programas de pós-graduação em Educação, que há uma visível tendência de concentração de escolhas metodológicas das pesquisas recaindo sobre as chamadas abordagens qualitativas.

Que possibilidades e que riscos estão envolvidos nessa concentração é o que gostaria de discutir, tentando a exploração de uma perspectiva comparativa.

A primeira das comparações seria com o quadro geral do próprio desenvolvimento científico, em seu estágio atual, partindo da física e se estendendo às outras áreas do conhecimento, numa busca de novas soluções metodológicas, mais compatíveis com a nova colocação do próprio objeto do conhecimento científico. O sucesso obtido com a recente publicação do livro de F. Capra (1986), *O ponto de mutação*, é um indicador, entre muitos outros, da extensão desse movimento de mudança de concepções, que ultrapassa as fronteiras das disciplinas tradicionais e atinge com o mesmo golpe áreas aparentemente tão distantes, como a Física e a Psicologia. Pois na Educação ele está chegando tardiamente, mas com veemência.

Dentro desse quadro de mudança há uma área de pesquisa que, pela sua afinidade com o campo e os problemas da educação, mereceria uma comparação especial. Trata-se das pesquisas propostas e efetuadas por militantes de movimentos feministas, algumas das quais desvelando questões fundamentais jamais tratadas anteriormente com tanta propriedade. É possível que a situação de alienação, na qual se encontravam (e se encontram ainda) as mulheres, especialmente no que se refere às atividades de pesquisa, gravitando quase exclusivamente ao redor de um eixo metodológico comprometido marcadamente com a ótica masculina, tenha aguçado nessas pesquisadoras o sentido para a busca de saídas mais apropriadas ao estudo dos seus problemas específicos. No dizer de uma delas, Jill Mc Calla Vickers, uma socióloga canadense, até a percepção desses problemas tem sido difícil, pois eles parecem invisíveis, dentro dessa ótica. Em um artigo, cujo título é bastante expressivo, (*Memórias de um exílio ontológico: as rebeliões metodológicas da pesquisa feminista*) essa autora aponta algumas rebeliões necessárias à pesquisa. Entre outras: contra a descontextualização, contra o uso da linguagem para camuflar responsabilidades, por um questionamento dos termos "objetividade", linearidade, inevitabilidade e, muito especialmente, pela revelação das "não questões", das questões que nem sequer chegaram a ser formuladas.

Ao lado da crítica contundente, a autora não deixa de alertar para o risco corrido pela pesquisa, em sua jornada em busca de novas soluções: "parte do produto dessas rebeliões é e será pseudo-ciência e modismo". Justamente por trilhar um caminho em construção, o pesquisador não dispõe de parâmetros, que possam balizá-lo seguramente, tal como acontecia no velho caminho da metodologia tradicional. Seu conselho é tão interessante quanto as denúncias: como um guia provisório o pesquisador deveria observar "as decisões práticas que as pesquisadoras feministas tomam em seu esforço para enten-

der e explicar a natureza da experiência feminina" (Vickers, 1982, p. 138).

Não sei quanto o conselho se aplicaria aos que trilham o novo caminho da pesquisa em Educação, mas não tenho dúvidas de que o risco que corremos é o mesmo.

Vejamos como se coloca esse problema, agora partindo para uma comparação no âmbito internacional. Tratando de maneira abrangente da situação da pesquisa em Educação no mundo, De Landsheere (1986), traça um panorama histórico da evolução dessa atividade em vários países e conclui exatamente com um capítulo sobre o debate atual entre abordagens quantitativas e qualitativas. Ele considera, aliás, esse debate muito enriquecedor, não vendo grandes dificuldades para uma perfeita convergência entre as contribuições das duas correntes. A discussão da questão, por esse autor, fica bastante limitada, a meu ver, entretanto, pela sua visão demasiadamente comprometida com a vertente quantitativa. Os pesquisadores que escolhe, para exemplificar seus pontos de debate, são bastante conhecidos por sua formação muito marcada pela influência do paradigma tradicional, como L. J. Cronbach e D. T. Campbell. Embora o aporte trazido por esses autores seja muito importante, exatamente por serem lídimos representantes dessa tradição, fica evidente que o debate para eles tende a se resolver por uma solução, em última instância, de domínio quantitativista.

Há, entretanto, no panorama internacional, duas contribuições recentes que permitem uma comparação mais enriquecedora. Trata-se do artigo de um sociólogo britânico, Alan Bryman (1986), de outro artigo, de dois pesquisadores americanos, John K. Smith e Lous Heshusius (1986).

Os simples títulos dos dois artigos já são indicativos das posições neles desenvolvidas. O artigo britânico traça com muita propriedade a necessária distinção entre aspectos técnicos e epistemológicos da metodologia empregada no trabalho de uma pesquisa. O debate em questão, segundo o autor, se encontra bastante prejudicado pela confusão muitas vezes estabelecida entre esses dois aspectos. As técnicas nada mais são do que instrumentos para a obtenção dos dados da pesquisa, mas a metodologia envolve necessariamente uma base epistemológica, que dá conta da fundamentação a partir da qual a sociedade e seus fenômenos serão estudados.

Há uma forte tendência, na literatura metodológica recente, de acordo com Bryman, para reconhecer como necessária uma estreita relação entre as técnicas empregadas na pesquisa e sua fundamentação epistemológica. Entretanto, através da análise de vários exemplos, o autor aponta o uso de várias técnicas, por pesquisadores de ambas as orientações (quantitativa ou qualitativa), sem que se possa estabelecer com segurança uma relação direta entre elas e as bases epistemológicas propostas pelo pesquisador. Ao contrário, técnicas ou métodos de coleta de dados têm sido utilizados, em maior ou menor proporção, por seguidores de ambas as metodologias, embora estas relevem de posições epistemológicas diferentes e até mesmo opostas. O autor conclui apontando para uma grande dificuldade para se estabelecer uma relação simétrica clara entre posições epistemológicas (p. ex., fenomenologia e positivismo) e técnicas correspondentes para coleta de dados (p. ex., observação participante e en-

quiete social). Envolver na discussão os dois planos, o técnico e o filosófico, sem uma clara distinção entre eles, só aumenta a confusão já reinante sobre o debate em questão.

O artigo dos dois autores americanos é bastante provocativo e oferece também uma boa comparação com a nossa realidade. Eles argumentam, depois de longa análise de vários trabalhos publicados, contendo reflexões sobre o assunto, que a tendência a encerrar o debate é extremamente inconveniente. Em geral esse encerramento se faria em favor da abordagem quantitativa, passando-se a considerar os estudos qualitativos como meramente exploratórios, preliminares a estudos quantitativos mais sólidos, visando então à generalização dos achados.

Acompanho e endosso o ponto de vista dos dois autores, considerando que chegamos ao debate atual, depois de um longo esforço na construção de um novo e difícil caminho. Certamente não chegamos até este ponto para sermos capturados pela tendência predominante durante tanto tempo e possuindo uma força reativa muito maior que a emergente.

As conquistas que a pesquisa em Educação vêm fazendo, através do desenvolvimento paciente dessa nova abordagem, não podem ser desperdiçadas através de uma simples convergência ou cooptação. Há aspectos específicos que nunca poderiam ser estudados (como nunca foram) pelos recursos metodológicos da abordagem mais tradicional. É preciso, portanto, que continuemos o debate a respeito de questões fundamentais e que ele seja revestido do maior cuidado e seriedade.

A distinção clara entre os aspectos técnicos, metodológicos e epistemológicos da questão e sua discussão honesta só poderão ajudar no esclarecimento do caminho ainda a ser traçado.

Gostaria, para finalizar, de trazer para o debate, a título de ilustração bastante sugestiva, o relato de uma carta que recebi recentemente de um professor português. Ele leciona Biologia na cidade do Porto e faz seu doutorado em Educação, na Universidade de Genebra, em um laboratório de Epistemologia Didática. Como encontrou, por acaso, em uma livraria do Porto o pequeno livro que Marli André e eu escrevemos sobre abordagens qualitativas na pesquisa em Educação (1986) ele o leu e teceu, em sua carta, alguns comentários, que relacionam as idéias desenvolvidas no livro e as que ele desenvolve em seu projeto de tese. Como ele fez a gentileza de anexar uma cópia do projeto, acompanhada dos pareceres dos três examinadores, deu-me, sem provavelmente o planejar, uma excelente oportunidade de comparação com a nossa realidade acadêmica.

O projeto trata de um estudo sobre o processo de aprendizagem de Biologia, por alunos universitários, dentro de uma abordagem qualitativa. A informação mais rica vem, entretanto, dos três pareceres. Um deles, o do professor orientador, não apresenta muito mais informação, além da aprovação, em um parágrafo manuscrito, do projeto cuja elaboração ele acompanhou certamente.

O segundo parecer é extremamente interessante, pois deixa perceber a posição desconfortável, mas ao mesmo tempo muito interessada do examinador. Ele reconhece que o autor está muito bem intencionado, mas não se sente à vontade para dar inteiramente o sinal verde ao projeto. Faz uma série de sugestões, como por exemplo, a formulação de hipóteses ou o uso de uma amostra bem especificada, para garantir, segundo ele, o poder de generalização das constatações... Vê-se claramente que ele procura encaminhar o projeto para uma formulação mais segura, a seu ver.

O terceiro parecer é também extremamente interessante. Numa linguagem clara e quase sem rodeios ele deixa ver a posição do examinador como inteiramente desfavorável ao tipo de pesquisa proposto. Ele confessa que não entende, não saberia opinar sobre a metodologia e certamente não faria pessoalmente, ou com um orientando seu, tal tipo de investigação. Mas, como sente no candidato a firme vontade de acertar e no orientador, confiança, também não interfere e deixa o caminho livre.

Espero poder extrair deste exemplo uma lição para nós, professores e alunos, ao tratar com esse tipo de questão. Temos no caso posições diferentes, até contrárias, mas convivendo pacificamente no ambiente acadêmico, num confronto certamente honesto e, esperamos, útil. É desse confronto sério que nascerão boas discussões, bons debates sobre a importante questão.

Ao candidato cabe, seguramente, a parte mais difícil. Vai traçar seu caminho, a maior parte do tempo sozinho, embora conte com o apoio do orientador. Porém, nesse tipo de pesquisa o confronto constante entre as evidências recolhidas e o embasamento teórico proposto tem que ser feito lenta, cuidadosa e continuamente. Nada de saltos ou viadutos cobrindo espaços pouco claros, em contradição com os fundamentos epistemológicos que embasam sua metodologia. Muito cuidado para que as técnicas empregadas representem soluções econômicas, mas também apropriadas à natureza do seu objeto de estudo e às bases epistemológicas que o sustentam.

Da clareza e cuidado com que são revelados ao leitor todos esses aspectos, dependerá em grande parte a credibilidade do próprio estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRYMAN, A. The debate about quantitative and qualitative research: a question of method or epistemology? *The British Journal of Sociology*, 35 (1).
- CAPRA, F. *O ponto de mutação*. Cultrix, São Paulo, 1986.
- DE LANDSHEERE, G. *La recherche en éducation dans le monde*, Paris, PUF, 1986.
- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*, São Paulo, EPU, 1986.
- SMITH, J. K. & HESHUSIUS, L. Closing down the conversation: the end of the quantitative-qualitative debate among educational inquirers. *Educational Researcher*, 14 (1), jan. 1986.
- VICKERS, J. M. *Memoirs of an Ontological Exile: the Methodological Rebellions of Feminist Research*. In: FINN, G. & MILES, A. (eds.) *Feminism in Canada*. Montreal, Black Rose Books, 1982.